

INFÂNCIAS, AGROECOLOGIA E FORMAÇÃO DOCENTE: A EXPERIÊNCIA DA CIRANDA INFANTIL ANA PRIMAVESI EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR

Tânia Cristina da Silva¹

¹Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)/ Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Juazeiro, BA, Brasil – tania.silva@univasf.edu.br

Resumo

O presente artigo sistematiza a experiência da Ciranda Infantil Ana Primavesi, realizada durante o 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), ocorrido em Juazeiro/BA, em outubro de 2025. A questão norteadora que orienta o estudo é: como a experiência da Ciranda Infantil Ana Primavesi evidencia a atuação da/o pedagoga/o em espaços não escolares na promoção de processos educativos voltados às infâncias, articulados à agroecologia, à educação popular e à justiça climática? A Ciranda Infantil constituiu-se como espaço de convivência, cuidado, formação e vivência agroecológica voltado às infâncias, idealizado no Brasil pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A metodologia adotada baseou-se na sistematização de experiência, a partir de registros, observações e avaliações realizadas pela equipe organizadora e pelas famílias participantes. Os resultados evidenciam a potência educativa da Ciranda Infantil enquanto prática formativa para futuras/os educadoras/es e como experiência que fortalece a consciência ecológica de crianças e educadoras/es, integrando o brincar, o cuidado e a convivência com os territórios. A experiência reafirma o papel das infâncias como sujeitos de direitos e saberes, bem como das/os educadoras/es como mediadoras/es de processos de aprendizagem enraizados na vida, na terra e na esperança agroecológica.

Palavras-chave: Ciranda Infantil. Espaços não escolares. Infâncias. Consciência Ecológica. Educação Popular.

Introdução

A Ciranda Infantil constituiu-se como uma experiência educativa e política vinculada ao Grupo de Trabalho (GT) Infâncias da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), consolidado em 2021. Inspirada no legado da agrônoma Ana Maria Primavesi, pioneira na valorização do solo como organismo vivo, a iniciativa foi criada como ambiente de formação não escolar, convivência e cuidado voltado às crianças de 0 a 12 anos durante o 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), realizado em Juazeiro/BA. O espaço foi concebido como prática educativa que integra o

brincar, a arte, a cultura e a agroecologia, articulando o conhecimento científico e os saberes populares em uma pedagogia do cuidado e da esperança.

A metodologia da Ciranda Infantil é inspirada no espaço educativo idealizado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) no Brasil (MST, 2004; Rosseto; Silva, 2012). As primeiras experiências ocorreram entre 1989 e 1995, com a realização das “Cirandas Infantis Permanentes” do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Dois anos depois, em 1997, a iniciativa passou a ser denominada “Ciranda Infantil” (MST, 2004; Rosseto; Silva, 2012), organizada pelo Setor de Educação do movimento.

De acordo com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST, 2004), a ciranda destinava-se inicialmente a crianças de zero a seis anos, filhas e filhos de integrantes das cooperativas. Posteriormente, foi ampliada para contemplar todas as crianças dos assentamentos, abrangendo a faixa etária de até 12 anos. Na Ciranda Infantil, as crianças experienciam a convivência coletiva, desenvolvem valores como respeito, solidariedade e amizade, além de construir sua identidade e o sentimento de pertencimento ao movimento (MST, 2004).

A compreensão da Ciranda Infantil como espaço educativo não escolar dialoga com estudos que reconhecem que os processos formativos extrapolam os limites institucionais da escola e se constituem nos territórios, nos movimentos sociais e nas práticas comunitárias (Gadotti, 2005; Gonh, 2009). A educação não escolar, nesse sentido, caracteriza-se pela intencionalidade pedagógica, pela organicidade coletiva e pela vinculação com projetos sociais e políticos específicos, configurando-se como espaço legítimo de produção de saberes e de formação humana (Gadotti, 2005).

Paralelamente, a Sociologia da Infância contribui com a concepção desse espaço educativo não escolar ao reconhecer as crianças como sujeitos sociais competentes, produtoras de cultura e participantes ativas da vida coletiva, rompendo com perspectivas que as compreendem apenas como “vir a ser” (Sarmiento, 2004). Ao articular essas duas perspectivas, a Ciranda Infantil Ana Primavesi afirma-se como território onde as crianças exercem protagonismo e onde a formação das/os pedagogas/os se dá em diálogo com práticas sociais concretas, ampliando a compreensão da docência para além do espaço escolar.

A consciência ecológica instigada nas vivências proporcionadas na Ciranda Infantil ancora-se no pensamento de Enrique Leff (2002), que destaca que a efetivação dos princípios do ecodesenvolvimento requer, além de práticas concretas, investimento teórico e a formulação de estratégias conceituais consistentes. Tais elaborações são fundamentais para sustentar práticas sociais voltadas à construção de uma racionalidade ambiental capaz de orientar processos de desenvolvimento sustentáveis e socialmente justos, ainda que a transformação da racionalidade produtiva responsável pela degradação ambiental esteja condicionada a fatores econômicos e políticos mais amplos. Nessa perspectiva, as atividades propostas alinham-se à vertente crítica da Educação Ambiental, conforme discutido por Layrargues e Lima (2014).

O presente artigo tem como objetivo compreender a construção da Ciranda Infantil Ana Primavesi e analisar de que modo essa iniciativa evidencia a atuação da/o pedagoga/o em espaços não escolares na promoção de processos educativos voltados às infâncias, articulados à agroecologia, à educação popular e à justiça climática, partindo da minha experiência como pedagoga e membra da comissão organizadora do evento.

Busca-se, a partir da sistematização da experiência, evidenciar a importância da Ciranda Infantil como espaço formativo não escolar na constituição profissional da/o pedagoga/o, ao favorecer práticas educativas sensíveis, críticas e territorializadas. Nesse sentido, a experiência revela-se capaz de fortalecer a consciência ecológica de crianças e educadoras/es, bem como de reafirmar a infância como sujeito ativo na transformação social e ambiental.

Metodologia

A metodologia adotada fundamenta-se na sistematização de experiências, conforme definida por Holliday (2006), que consiste na reconstrução crítica de práticas vividas, com o objetivo de gerar conhecimento a partir das experiências coletivas. O processo de construção da Ciranda Infantil Ana Primavesi foi acompanhado desde o planejamento, passando pela formação das/os educadoras/es até a realização das atividades durante o congresso, considerando observações diretas, registros escritos e audiovisuais, e avaliações aplicadas, por meio de formulário online, às famílias e à equipe envolvida na organização.

As experiências vivenciadas nas etapas de planejamento e execução da Ciranda Infantil Ana Primavesi, conforme destaca Holliday (2006), configuram-se como processos sociais dinâmicos,

em permanente movimento e transformação, marcados pela inter-relação, muitas vezes contraditória, entre fatores objetivos e subjetivos. Nessa perspectiva, a metodologia fundamentou-se na sistematização de experiências, compreendida como exercício crítico de interpretação dos processos vividos (Silva, 2021).

A análise concentrou-se nos aspectos pedagógicos, organizativos e simbólicos da Ciranda Infantil, com ênfase na atuação das/os pedagogas/os em um espaço não escolar e nas mediações construídas junto às infâncias. Buscou-se compreender de que modo o espaço contribuiu para a formação ecológica, afetiva e política tanto dos adultos quanto das crianças e, simultaneamente, para a formação profissional das/os educadoras/es envolvidas/os. Os registros escritos, as observações, o relatório final e as avaliações realizadas pela equipe organizadora e pelas famílias participantes foram organizados e analisados de forma participativa, constituindo a base empírica das reflexões desenvolvidas neste artigo.

Desenvolvimento

A Ciranda Infantil Ana Primavesi, realizada durante o 13º CBA, ocorrido em Juazeiro, em outubro de 2025, foi concebida como um espaço político-pedagógico de convivência, cuidado e aprendizagem, enraizado nos princípios da agroecologia e da educação popular, destinado ao acolhimento das filhas e dos filhos das/os participantes do evento, seja na condição de congressistas ou de colaboradoras/es na organização do congresso.

Sua construção envolveu uma ampla rede composta por representantes de movimentos sociais, universidades e coletivos, expressando a organicidade e a diversidade da agroecologia enquanto ciência, prática e movimento. Para sua realização, foi necessário um intenso trabalho de planejamento e mobilização iniciado meses antes do evento. Nesse processo, desenvolveu-se também uma formação específica para as educadoras e os educadores responsáveis pelo acompanhamento das crianças.

Minha participação ocorreu desde a etapa de articulação das equipes de trabalho do congresso, por meio de oficinas preparatórias iniciadas em dezembro de 2024, até a oficina de avaliação pós-evento, realizada em dezembro de 2025. Considerando minha formação na área da educação e meu interesse de pesquisa pela Educação Infantil integrada à agroecologia, dispus-me a atuar como antena (coordenadora) da Ciranda Infantil.

A partir da articulação com representações de outras instituições e movimentos sociais, constituiu-se a comissão organizadora, composta por integrantes do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa), do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) e da Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

O processo formativo das educadoras e educadores foi constituído de formações presencial e remota, com temáticas relacionadas às infâncias, protagonismo feminino, educação ambiental, mudanças climáticas, convivência com o semiárido e justiça climática. Esses momentos possibilitaram o diálogo entre teoria e prática, fortalecendo o papel das/os educadoras/es como mediadoras/es de processos educativos ecológicos e emancipatórios. Durante a formação presencial, as/o educadoras/es conheceram algumas tecnologias sociais de convivência com o semiárido, como a cisterna e o reúso de águas cinzas.

Ressalta-se que o grupo de educadoras/es era bastante heterogêneo, composto por mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) de diferentes faixas etárias, jovens estudantes dos cursos de graduação em Pedagogia (Uneb) e Administração (Univasf) e integrantes do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Essa diversidade possibilitou um rico intercâmbio de saberes e fazeres, favorecendo a construção de vínculos, o fortalecimento do trabalho coletivo e o sentimento de pertencimento ao grupo.

As educadoras e os educadores da Ciranda Infantil Ana Primavesi desempenharam papel fundamental no acolhimento das crianças. Mesmo as estudantes que relataram pouca experiência no cuidado com o público infantil puderam descobrir e desenvolver outras habilidades que favoreceram a interação com as crianças, como a contação de histórias e a participação nas atividades do brincar livre.

Durante o congresso, a Ciranda Infantil foi ofertada ao longo de três dias, nos turnos da manhã e da tarde, acolhendo cerca de setenta crianças, de 10 meses a 12 anos de idade, em atividades que integraram arte, cultura, ciência e cuidado. Além da atuação das educadoras e dos educadores, a programação contou com ações artístico-culturais e de extensão universitária desenvolvidas por diferentes grupos, mediadas por profissionais, docentes, estudantes e integrantes de movimentos sociais.

Foram realizadas oficinas como “Yoga para as crianças”, “Cartografia dos alimentos”, “Nas trilhas da Caatinga”, “Encantados da natureza” e “Inclusão começa em mim”, que promoveram aprendizagens significativas acerca das relações entre seres humanos e natureza e respeito à diversidade de corpos. As crianças tiveram acesso a uma brinquedoteca comunitária, momentos para o brincar livre, contação de histórias, apresentações culturais. Participaram, ainda, de atividades como assembleias, cortejos e vivências, reafirmando seu papel como sujeitos de direitos e de saberes.

A partir das interações e dos relatos das famílias, destacou-se o quanto a iniciativa contribuiu para a formação da consciência ecológica e para a integração das crianças. Durante as atividades, elas tiveram contato com sementes crioulas, com a terra, com alimentos agroecológicos do território e com diferentes manifestações culturais do território, como a capoeira e o boi presentes no cortejo realizado junto às crianças. Observou-se, ainda, o protagonismo infantil durante o cortejo e na intervenção na plenária principal do congresso, quando apresentaram as ideias construídas na assembleia por meio de diversas linguagens, como o desenho, a música e a fala.

A formação da consciência ecológica emergiu da articulação entre o brincar, o território e os saberes agroecológicos. A convivência com a Caatinga, o uso de sementes crioulas, o contato com tecnologias sociais e a valorização dos alimentos locais servidos durante as pausas para o lanche foram elementos centrais no despertar da sensibilidade ambiental e do pertencimento territorial. Para as/os educadoras/es, o processo fortaleceu o cuidado coletivo e o compromisso político com uma educação ambiental crítica e libertadora.

A fala da mãe de uma criança participante da Ciranda Infantil Ana Primavesi expressa o sentimento manifestado pela maioria dos adultos responsáveis:

Também endosso o coro do quão incrível é esse trabalho feito por vocês. Violeta se sentiu muito à vontade, adorou a ciranda, voltou mais falante inclusive (risos) os estímulos são tão lindos, tão necessários. Toda infância merece ser estimulada com muita arte e Agroecologia (Ciranda Infantil Ana Primavesi, 2025).

Uma breve análise da minha experiência na Ciranda Infantil Ana Primavesi, enquanto espaço educativo não escolar, possibilitou refletir sobre a vivência de conhecimentos teóricos no cotidiano. Assim, percebi a relevância do planejamento e do trabalho colaborativo para a construção de espaços educativos significativos. A construção coletiva da proposta de formação das/os educadoras/es e a participação destas/es no planejamento da Ciranda Infantil foi fundamental para

o engajamento de todos na execução das atividades e envolvimento das crianças. Assim, foi possível validar conceitos apreendidos na formação inicial, como a importância do planejamento participativo e da sistematização dos processos educativos.

Ao longo da minha participação no planejamento e na execução da proposta, fui instigada a problematizar alguns argumentos baseados no senso comum, como a ideia de que seria necessário manter as crianças ocupadas o tempo todo para minimizar possíveis conflitos, dispersões durante as atividades e eventuais riscos à sua integridade física. Também pude refletir sobre os desafios relacionados à motivação da atenção das crianças em determinadas oficinas, considerando a diversidade de idades presentes, bem como sobre as dificuldades de interação entre adultos sem experiência prévia e as crianças.

Essas premissas foram questionadas a partir das vivências realizadas durante a Ciranda Infantil, que evidenciaram a importância de garantir momentos destinados ao brincar livre. Conforme afirma Fleury (2018), o brincar livre constitui dimensão própria da infância e linguagem fundamental por meio da qual a criança explora, interpreta e se apropria do mundo. Assim, sua presença no planejamento torna-se indispensável, contrapondo-se à lógica da “agenda cheia” e à compreensão de que é preciso manter as crianças constantemente ocupadas. No que se refere à participação, a valorização da ludicidade, da musicalidade, das manifestações culturais do território e do contato com elementos da natureza favoreceu o envolvimento de crianças de diferentes idades, bem como sua integração com os adultos, fortalecendo vínculos e ampliando as possibilidades de interação e aprendizagem compartilhada.

Percebeu-se, ainda, que o espaço se mostrou propício para lidar de forma mais consciente com as relações interpessoais no trabalho colaborativo, uma vez que as diferentes realidades de adultos e crianças mobilizaram comportamentos, atitudes e habilidades essenciais à convivência. Isso se expressou desde o plantio de sementes, o cuidado com os recursos disponíveis nos ambientes educativos, que incluíam brinquedoteca, sala de exibição de materiais audiovisuais, sala de descanso e uma ampla área destinada às oficinas e atividades propostas, como oficina de capoeira, apresentação circense, contação de histórias, show musical e apresentações culturais; até o respeito no trato com a pessoa idosa e com a diversidade de gênero, fortalecendo uma cultura de convivência pautada no cuidado e na valorização das diferenças.

Para as/os educadoras/es, esse processo representou também um movimento formativo, ao fortalecer o cuidado coletivo, a mediação pedagógica sensível e o compromisso político com uma educação ambiental crítica e libertadora, reafirmando a potência da Ciranda Infantil na formação da/o pedagoga/o em contextos educativos não escolares. Tais competências foram sendo construídas e aprimoradas ao longo do percurso formativo, por meio do contato com diferentes temáticas e da integração de múltiplos saberes, articulando conhecimentos acadêmicos aos fazeres e saberes das mulheres e dos homens do campo. A participação de estudantes, representantes de movimentos sociais, organizações da sociedade civil e profissionais de instituições de ensino superior ampliou esse processo, favorecendo o diálogo horizontal e a constituição de uma verdadeira ecologia de saberes (Santos, 2007).

Apesar da potência formativa e política da experiência, alguns desafios foram evidenciados ao longo do processo. A heterogeneidade das faixas etárias das crianças exigiu das/os educadoras/es constante reorganização dos espaços e das propostas pedagógicas, nem sempre sendo possível atender de modo equânime às especificidades de bebês, crianças pequenas e crianças maiores no mesmo ambiente. Além disso, houve alguns desafios em relação à gestão do tempo das atividades. Para uma das educadoras,

As oficinas foram ótimas, porém, em alguns momentos aconteceram mais de uma oficina ao mesmo tempo, o que tornou cansativo para as crianças. Poderia melhorar na organização das oficinas, no tempo de cada uma e nos horários, para não ficar exaustivo (Ciranda Infantil Ana Primavesi, 2025).

Ressalta-se que essa percepção não foi compartilhada pela maioria das educadoras; ainda assim, dialoga com a preocupação de garantir uma organização do tempo que respeite o ritmo das crianças, evitando a sobrecarga de atividades e assegurando a qualidade das vivências propostas.

Outro fator limitante observado foi a temporalidade reduzida do congresso que inviabilizou a realização de algumas atividades, como a participação das crianças na produção de brinquedos com materiais recicláveis e na decoração coletiva dos espaços. Também foram observadas tensões próprias do trabalho colaborativo, especialmente na articulação entre educadoras/es com diferentes níveis de experiência e formação. Tais limites, contudo, não fragilizaram a proposta; ao contrário, evidenciaram a complexidade da educação em espaços não escolares e reforçaram a necessidade de processos formativos contínuos, planejamento participativo e avaliação crítica permanente.

Outro desafio observado foi a ausência de um momento específico com os adultos responsáveis. A programação do congresso, aliada à limitação de tempo da Ciranda Infantil e das pessoas envolvidas na organização, inviabilizou a realização da reunião com mães e pais, embora esta estivesse prevista no planejamento. Essa lacuna foi mencionada por uma mãe no formulário de avaliação, que externou:

Acho que seria interessante em algum momento da programação pensar uma atividade com os pais, sei que é difícil conciliar os compromissos de todos os pais, mas seria interessante um momento mesmo de conversa falando sobre Agroecologia e infância (Ciranda Infantil Ana Primavesi, 2025).

Conclusões

A Ciranda Infantil Ana Primavesi consolidou-se como espaço de formação e de transformação, onde o brincar se torna ato político e o cuidado da relação criança-natureza se converte em prática pedagógica cotidiana. A experiência revelou que é possível articular agroecologia, infâncias e educação popular na construção de saberes comprometidos com a sustentabilidade da vida e com a justiça climática.

As vivências das crianças e das/os educadoras/es demonstram que a consciência ecológica nasce das relações de afeto, da escuta sensível e do diálogo com o território. Nesse contexto, a Ciranda Infantil afirma-se também como um espaço educativo não escolar potente para a formação de estudantes de Pedagogia, ao proporcionar experiências concretas de mediação pedagógica, organização coletiva do trabalho educativo, planejamento participativo e articulação entre teoria e prática. Ao vivenciarem processos formativos ancorados na educação popular e na agroecologia, as/os estudantes ampliam sua compreensão sobre a infância, o cuidado e a dimensão política da educação, qualificando sua atuação profissional em diferentes contextos.

Assim, a Ciranda Infantil Ana Primavesi reafirma que cuidar da terra e das crianças integra o mesmo movimento de resistência e de esperança, no qual educar é também cultivar futuros possíveis.

Referências

CIRANDA INFANTIL ANA PRIMAVESI. Relatório final. Juazeiro, BA: 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia, out. 2025.

FLEURY, L. Apresentação In: BARROS, M. I. A. **Desemparedamento da infância**: A escola como lugar de encontro com a natureza. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018. p. 12-15. Disponível em:

https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf. Acesso em: 4 jul. 2024.

GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion: Institut International des Droits de l'Enfant, 2005. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/jspui/bitstream/123456789/54490/1/gadotti-educacao-nao-formal.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2026.

GOHN, M da G. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009. Disponível em:

<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1/5>. Acesso em: 26 fev. 2026.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. Trad. Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. Brasília: MMA, 2006. Disponível em:

www.edpopsus.epsvjv.fiocruz.br/sites/default/files/oscar-jara-para-sistematizar-experic3aancias1.pdf. Acesso em: 18 fev. 2026.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. As macrotendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 23-40, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nynhjdZ4hYdqVFdYRtx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jan. 2025.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST. **Caderno da Educação** Nº 12 – Educação infantil – Movimento da vida, dança do aprender, 2004. Disponível em: <https://mst.org.br/download/mst-caderno-da-educacao-no-12-educacaoinfantil-movimento-da-vida-danca-do-aprender/>. Acesso em: 13 maio 2025.

ROSSETO, E. R. A.; SILVA, F. T. da. Ciranda Infantil. In: CALDART, R. S. et al. **Dicionário da Educação do Campo**. 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 125-128.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71–94, nov. 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 26 fev. 2026.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In:

SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Coord.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto, PT: Asa, 2004. Disponível em: Acesso em: 26 fev. 2026.

SILVA, L. R. G. M. da. Sistematização de experiências: metodologia participativa favorável ao saberfazer docente. **Cadernos de Educação Básica**, v. 5, n. 3, 2020. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/cadernos/article/view/3066>. Acesso em: 18 fev. 2026.